

O SACRIFÍCIO DE ISAAC

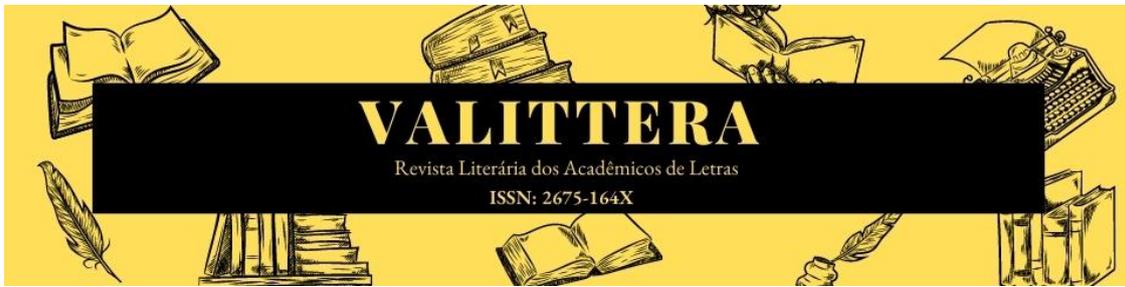
Joao Francisco Delgado Cerqueira¹

Abraão sentou-se numa rocha, pousou o cajado e bebeu água de um odre. Olhou o seu rebanho: uma mancha de lã branca na planície, balidos perdidos no vento, centenas de ovelhas a pastar. A luz do sol prateava-lhe os cabelos e a barba grisalha, brilhavam-lhe os olhos amarelados, escorria-lhe suor pela testa morena. Abraão sorriu. Aquele rebanho era a recompensa de Deus por ter obedecido às suas ordens. Recordou então como tudo começara: ainda jovem deixara de adorar ídolos e começara a orar a um único Deus, depois a voz de Deus ordenara-lhe que abandonasse a família e partisse para a terra de Canaã e, por fim, apareceram-lhe três anjos a anunciar-lhe que sua mulher Sara, mesmo envelhecida e estéril, lhe iria dar um filho. Ninguém o compreendera, correrá perigos, vira Sara ser tomada pelo faraó do Egípto, mas Deus estivera sempre do seu lado. Ao fim de muitos anos de sofrimento, regressara à terra prometida, tornara-se rico e pai de um filho chamado Isaac.

Que mais poderia desejar nesta vida?

Estava Abraão a meditar na sua aliança com Deus quando surge, a correr, o jovem Isaac. Tinha os cabelos pretos, os olhos cinzentos, os lábios finos e uma pele clara onde despontavam uns pelos de barba. Vestia uma túnica cinzenta igual à do pai e era quase da sua altura. Abraão ofereceu-lhe água e ficou a olhar, enternecido, para o seu filho a despejar o odre pela garganta. Um dia, não muito distante, toda a sua riqueza seria herdada por Isaac. O seu filho, tinha a certeza, iria ter uma vida melhor do que a sua. Deus protegê-lo-ia porque ele era bom e justo.

¹ E-mail: joomcerqueira@gmail.com



Isaac devolveu o odre ao pai e agradeceu. Depois sentou-se ao seu lado e ficaram ambos a vigiar o rebanho. Pouco falavam entre eles, o laço que os unia dispensava as palavras.

No dia seguinte, estava Abraão a examinar a pata de uma ovelha que coxeava quando, inesperadamente, o vento parou e todos os animais se quedaram silenciosos. Abraão soube que Deus ia falar com ele outra novamente. Porém, ouviu uma voz mais forte e assustadora do que das outras vezes.

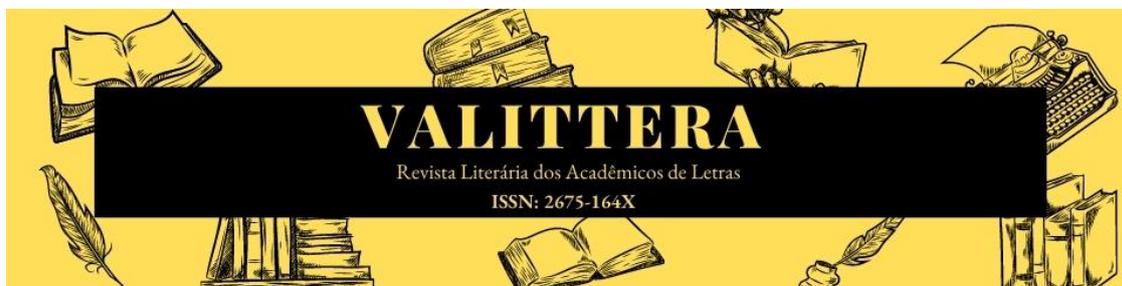
- Abraão.

- Aqui estou.

- Pega no teu filho Isaac e vai à região de Morá onde o oferecerás em holocausto num monte.

Abraão estremeceu. A mão largou o cajado e o rosto deformou-se. Um bode marrava-lhe dentro da cabeça e uma ovelha atravessara-se na garganta. Não queria acreditar que Deus lhe estivesse a ordenar que matasse o seu filho. Respirou fundo e tentou raciocinar. Se calhar tinha entendido mal a mensagem; ou então tinha sido um demónio que o tentara. Não havia nenhuma razão para Deus o punir de uma forma tão cruel. Que Deus poderia exigir tal barbaridade a um pai? De maneira que ficou algum tempo à espera que Deus lhe dissesse mais alguma coisa, que corrigisse a mensagem dizendo que, afinal, era um cordeiro que deveria sacrificar e não Isaac, que ignorasse aquelas palavras demoníacas e ficasse tranquilo. Mas, uma hora passou, e Deus não voltou a manifestar-se. Abraão olhava para o céu, mas a luz do sol cegava-o. Os únicos sons que escutava eram os balidos das ovelhas, o zumbido dos insectos e o assobio do vento. Exausto, deitou as mãos à cabeça e caiu de joelhos na terra. A vontade de Deus era clara e não podia ser contrariada: Isaac seria sacrificado em sua glória.

Abraão perdeu o cajado e deixou escapar doze ovelhas. Regressou a casa a arrastar os pés, com os ombros curvados e a cabeça baixa. Não conseguiu olhar para o filho nem para a mulher e foi-se deitar sem comer. Isaac e Sara estranharam a atitude de Abraão, mas não se atreveram a questioná-lo. Estava demasiado velho, pensaram. À luz de um candelabro,



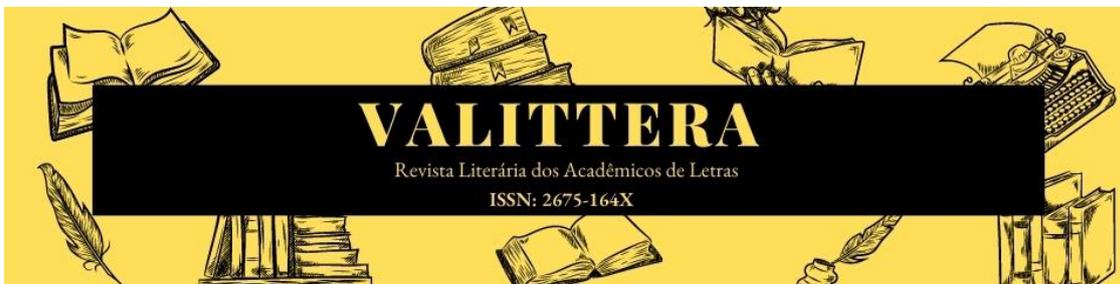
beberam leite e comeram pão em silêncio. Sara pensava no queijo que iria fazer, Isaac pensava numa rapariga ruiva que tinha conhecido.

Abraão passou a noite sem dormir, deitado de costas com os olhos abertos. Pensou em fugir, pensou em matar-se a si próprio, pensou em renegar Deus. Tudo ficaria ainda pior, concluiu; nada poderia fazer contra a onipotência do criador. Sara ouvia-o a falar sozinho e julgou que ele estivesse a rezar; tentou aconchegar-se ao seu corpo, mas Abraão repeliu-a. Sara convenceu-se então de que o marido estava com saudades de Hagar, a escrava egípcia, e de Ismael, o filho de ambos, e voltou-se para o outro lado. Sabia que tinha perdido a beleza, a pele enrugada e o corpo flácido, os olhos baços e os dentes podres, mas sofria por Abraão já nem sequer valorizar o seu trabalho.

De madrugada Abraão levantou-se com dificuldade. Doíam-lhe as costas e os joelhos, tinha a boca seca e amarga. Depois de beber uma malga de leite, saiu de casa e foi cortar lenha para a fogueira do holocausto. Quando o céu passou de violeta a laranja, ficou hipnotizado por aquela cor semelhante à das chamas que iriam queimar o filho. Uma fogueira acendeu-se no seu estômago e custou-lhe terminar o trabalho. Depois, voltou para casa e acordou Isaac. O filho viu o olhar alucinado do pai e convenceu-se de que ele estava doente. Abraão disse-lhe que iriam realizar um sacrifício a Deus num lugar distante e Isaac julgou que o pai iria pedir mais uns anos de vida. Partiu bem-disposto. Dois servos e um burro que carregava a lenha acompanharam-nos.

Ao terceiro dia de caminhada, Abraão avistou o lugar indicado por Deus. Deteve a caravana e ficou a contemplar o monte durante algum tempo. Era um local árido onde não havia árvores nem plantas. Uma enorme nuvem negra obscurecia-o. Abraão estava banhado de suor e tinha os pés feridos. Cerrara os dentes e apertava o cutelo que trazia à cintura. A seu lado, Isaac remoía a questão que o consumia desde que iniciaram a viagem: onde estava o cordeiro destinado ao sacrifício? Sabia, porém, que não devia questionar as decisões do pai.

Entretanto, Abraão acendeu uma tocha e ordenou ao filho que carregasse lenha destinada ao sacrifício. Ainda que confuso, Isaac obedeceu e iniciaram a subida da montanha. Havia corvos a sobrevoá-los e passaram perto de uma cobra. A escalada foi lenta e Abraão



teve de se apoiar várias vezes no filho. O seu corpo pesava como chumbo e as suas articulações estalavam como madeira seca. Respirava com dificuldade e tossia. Vomitou. Isaac temeu que ele morresse antes de chegar ao sopé da montanha. Quando por fim lá chegou, Abraão deixou-se cair e ficou deitado durante alguns minutos. A nuvem negra estava agora mesmo por cima de si. Isaac deu água ao pai e, após comprovar que não havia nenhum cordeiro escondido na montanha, começou a suspeitar que ele tinha enlouquecido. Não se conteve mais.

- Pai, como é que vamos fazer o sacrifício se não trouxemos nenhum animal?

Abraão levantou-se devagar e aproximou-se do filho. Olhou o seu rosto delicado de pele clara e olhos cinzentos, pôs-lhe uma mão no ombro e acariciou-lhe o músculo.

- Meu filho, meu filho... - repetia sem cessar.

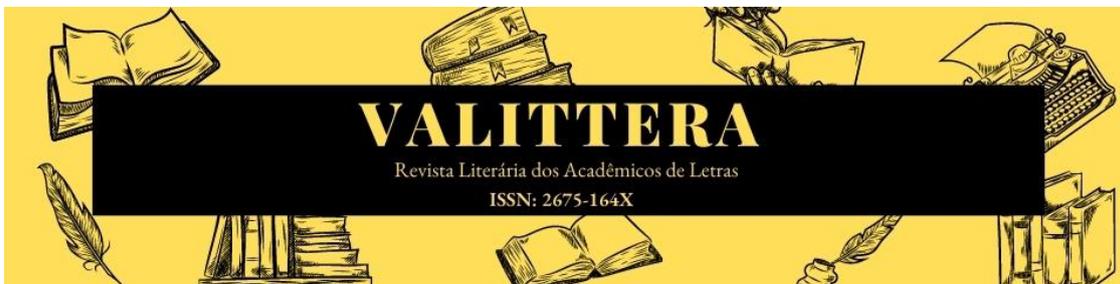
Isaac exibiu um sorriso triste com pena da loucura do pai.

Subitamente, Abraão atirou a tocha para longe e abraçou-se ao filho. Apertou Isaac com tanta força que este se sentiu a sufocar. Depois, soltou-o, olhou para o céu e gritou.

- Nãooooo!

Sim, era isto mesmo que qualquer pai deveria fazer. Proteger o filho contra todas as ameaças, ainda que elas viessem de Deus. A história bíblica deveria ter terminado assim, recebendo depois Abraão um louvor de Deus por ter cumprido o seu dever paterno. Afinal, o resultado fora o mesmo, Isaac seria sempre salvo. Os pais de hoje necessitam de mensagens de amor, em vez de exemplos de fanatismo. Dão mais importância às suas carreiras profissionais do que aos seus filhos. O sucesso é o deus moderno.

Rebeca é escritora e está a tentar terminar um livro de contos que acordou com a sua editora. Embora o seu primeiro romance tenha sido um sucesso, o segundo foi mal recebido pela crítica e vendeu-se pouco. A editora sugeriu-lhe então que escrevesse um livro de contos, um género que voltava a estar na moda. Rebeca não teve escolha. Se tivesse um novo fracasso, a sua carreira estaria acabada. Aceitou a proposta e recebeu royalties adiantados. Porém, o prazo para a entrega do manuscrito estava a terminar e ainda lhe faltava escrever o



último conto: *O sacrifício de Isaac*. Como precisava de silêncio e sossego, foi, a coxear, ter com o marido ao quarto. David preparava a mala.

- Podes levar o Daniel contigo? Com ele por perto estou sempre a ser interrompida.

David morde o lábio e demora a responder.

- Está bem...

- Não te importas?

- Na verdade, já é altura de ele começar a acompanhar-me, uma vez que tu já não consegues...

Entretanto, Daniel, o filho de doze anos, aparece.

- Podemos ir para a Disneylândia?

- Não. Precisas de ar puro e exercício físico.

- Mas...

- Ouviste o teu pai.

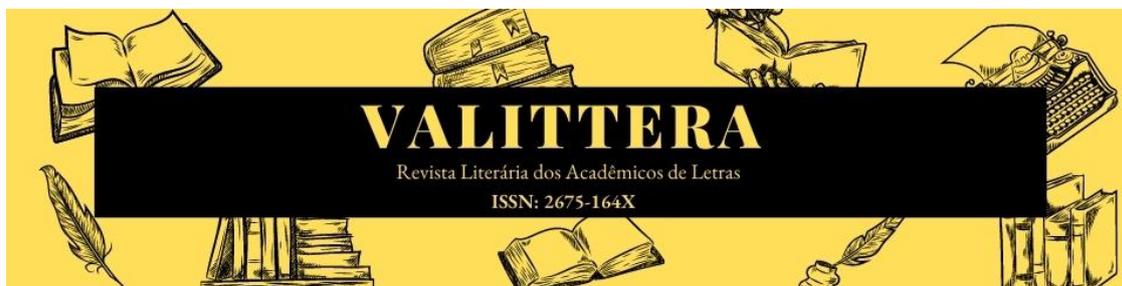
Daniel coça os cabelos pretos e baixa os olhos cinzentos. Sem parar de fazer a mala, David dirige-se a Rebeca.

- Muito bem. E como vai terminar essa tua história sobre o Adão?

Rebeca passa a mão nos cabelos grisalhos.

- O Adão..., a Eva farta-se dele e deixa-o.

David é um homem de negócios bem-sucedido viciado em caminhadas nas montanhas. Por a ideia que o tornou rico lhe ter sucedido numa dessas alturas, convenceu-se de que o contacto com a natureza o inspira. Aos amigos costuma dizer que fez um pacto com os espíritos das montanhas para ganhar dinheiro. Levou por isso Daniel para um chalé numa encosta. É uma construção em madeira situada num vale rodeado de árvores que recebe a luz do sol nascente. O ar tem o aroma dos pinheiros. À noite, grilos e cigarras embalam o sono dos hóspedes. A principal atracção do local é a vista sobre a cascata que



desce a montanha. A queda da água produz um som relaxante e, pelo meio-dia, o sol irisa as suas gotículas gerando fugazes arco-íris. A maioria dos visitantes percorre o trajecto de duas horas até ao local da nascente no topo da montanha.

O dia amanheceu nublado e ventoso. David obrigou Daniel a levantar-se às oito horas para subirem a montanha de manhã. A sala do pequeno-almoço estava cheia de hóspedes que falavam alto e andavam de um lado para o outro. Cheirava a pão, café e salsichas. Daniel reparou numa menina ruiva sentada numa mesa próxima e começou a sorrir-lhe. A menina piscou-lhe o olho. Alheio a tudo, David estudava um mapa com trilhos na montanha. De repente, entrou na sala a directora do challet e pediu a atenção dos hóspedes. Quando finalmente se fez silêncio, foi anunciado que se aproximava uma tempestade e que, por essa razão, se aconselhava os hóspedes a evitarem afastar-se do chalé nos próximos dois dias. Sem disporem de internet para obter mais informação, os hóspedes bombardearam-na com perguntas. Só então David levantou a cabeça e percebeu o que se passava. Queriam impedi-lo de subir a montanha; queriam impedi-lo de se libertar do stress e de atingir aquela espécie de iluminação onde fluíam as melhores ideias; queriam, em suma, impedi-lo de ganhar dinheiro. Apertou os punhos e cerrou os dentes.

Apenas Daniel viu na tempestade uma oportunidade para se aproximar da menina ruiva. Enquanto toda a gente discutia e se lamentava, os dois comunicavam na linguagem dos anjos. Uma outra tempestade começara na sala do pequeno-almoço, mas Daniel e a menina ruiva pairavam sobre uma nuvem cor-de-rosa.

De repente, Daniel sente a mão do pai no seu braço.

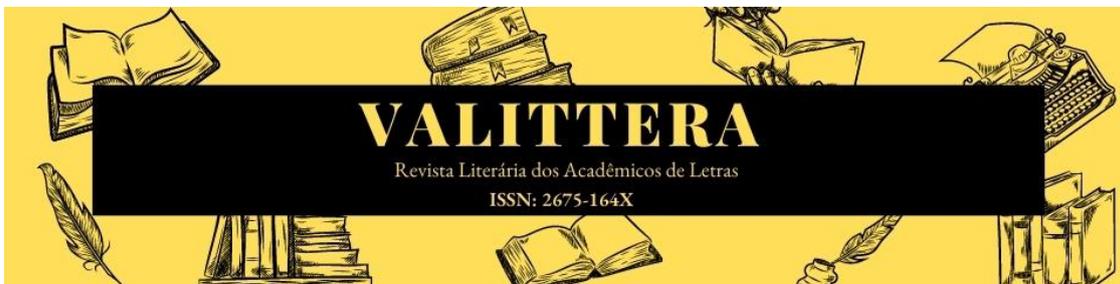
- Já terminaste? Então vamos preparar-nos para a caminhada.

Daniel franziu o cenho.

- Mas, pai, disseram que vinha aí uma tempestade...

David fez-lhe uma festa no cabelo.

- Não acredites nisso. Vai apenas nevar um bocado e faz parte das normas fazer estes avisos aos hóspedes.



Daniel mexeu-se na cadeira.

- Olha, posso ficar aqui? Não me apetece muito...

- Não. Estamos aqui para caminhar. Olha, vais ver cabras e cordeiros.

Vão a meio da subida da montanha. Uma nuvem negra paira sobre eles. Há corvos a sobrevoá-los. Passam perto de uma cobra. Daniel está exausto e começa a atrasar-se; agulhas de ar frio espetam-se-lhe nos olhos e rasgam-lhe as narinas. Ainda não viu nenhuma cabra ou cordeiro e suspeita que foi enganado. David ruma um novo projecto de negócios e mal repara no filho. Afinal, um dia, tudo o que ganhou será dele. O seu filho, tinha a certeza, iria ter uma vida melhor do que a sua. A distância entre ambos aumenta sem que o pai se dê conta. O nevoeiro está a levantar uma parede que os separa. Daniel deixa de ver o pai. Ao tentar alcançá-lo, sai do trilho, tropeça numa pedra e rebola por um declive. Embate contra uma rocha e não se consegue levantar. Um risco vermelho escorre-lhe da testa, passa-lhe pela face e esgueira-se pelo pescoço. O sangue aquece-lhe a pele enregelada. Daniel grita pelo pai, mas a sua voz perde-se no vento.

Os deuses das montanhas estão zangados, ouvem-se trovões, Daniel fecha os olhos.